

## Domingo de Ramos na Paixão do Senhor – Ano A – 29.03.2026



### Viver a Palavra

Com a celebração do **Domingo de Ramos na Paixão do Senhor** damos início à Semana Santa onde somos convidados a fixar o nosso olhar na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. A Semana Santa inicia e termina com um evangelho de festa, marcado pela alegria. Iniciamos a celebração deste Domingo com a proclamação do Evangelho que narra a entrada de Jesus em Jerusalém onde é aclamado com brados de alegria e de júbilo que ainda hoje repetimos na celebração da Eucaristia: *«Hossana ao Filho de David! Bendito O que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!»* e na soleníssima noite de Páscoa haveremos de escutar o solene anúncio da Ressurreição gloriosa. Contudo, esta moldura de alegria e de festa encerra no seu interior a paixão e morte, o duro caminho da paixão que escutamos no Evangelho da missa.

No atual contexto social e eclesial que estamos a atravessar, nas dificuldades pessoais ou alheias com que nos deparamos no quotidiano, haveremos de ter sempre presente esta moldura de alegria e de festa que encerra a paixão e morte de Jesus. Diante das dificuldades, exigências e sofrimentos, com toda a certeza, levantamos tantas perguntas e assaltam ao nosso coração tantas dúvidas e incertezas. Podemos até fazer a nossa oração a partir das palavras que Jesus proclama na cruz e que cantávamos no salmo: *«Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?»*. Alguns exegetas afirmam que uma tradução mais fiel deste versículo deveria ser: *«Meu Deus, meu Deus, porque me fizeste chegar até aqui?»*. Na verdade, estas palavras podem muito bem ser o ecoar da nossa oração, em tantas circunstâncias que atravessamos, e quão bom seria se elas traduzissem a atitude de quem se coloca humildemente diante do mistério da dor e do sofrimento. Não temos respostas, nem fórmulas mágicas e instantâneas, mas temos a humilde confiança de quem se sabe amado por um Deus que não é indiferente às nossas dores e angústias e podemos proclamar como escutávamos na primeira leitura: *«o Senhor Deus veio em meu auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido»*.

O nosso Deus não nos desilude e a confiança que depositamos nele há-de abrir-nos ao horizonte de alegria e de festa que a Páscoa do Senhor nos aponta. Se Jesus nos convida à alegria e à felicidade, à conversão e à santidade, também desce à dor e ao sofrimento para nos ensinar a arte de estar ali onde o amor se faz mais exigente. Jesus sobe até à cruz, abraça a dor e sofrimento, porque o amor é tanto mais verdadeiro, quanto mais se realiza em gestos concretos de compaixão e misericórdia. Entre os muitos deveres do amor está aquele primeiro de estar ali, precisamente ali, onde está o amado. Por isso, Jesus vai até ao sofrimento e à morte, porque Ele sabe bem que a nossa frágil humanidade atravessa caminhos de dor e de sofrimento. Contudo, também aprendemos com Jesus que a nossa dor e sofrimento se abrem à alegria pascal que a manhã de Páscoa nos há-de trazer.

Sobre a terra, no meio dos nossos limites e fracassos, é tempo de caminhar humilde e confiadamente a estrada da fragilidade fortalecida pelo amor e pela graça e, um dia, haveremos de compreender ou pelo menos entrever não o *«porquê?»*, mas o *«para quê?»* destes tempos difíceis e exigentes. Durante a paixão e morte de Jesus os discípulos não foram capazes de compreender o modo livre, disponível e confiante com que Jesus se entregava à vontade do Pai, mas na manhã de Páscoa e na força transformadora do dia de Pentecostes os discípulos viram abrir-se os seus olhos e os seus corações para alegria nova que o amor transporta. Por isso,



sua totalidade? Não sabemos; no entanto, a figura apresentada nesses poemas vai receber uma outra iluminação à luz de Jesus Cristo, da sua vida, do seu destino.

O texto que nos é proposto é parte do terceiro cântico do "servo de Jahwéh". *in Dehonianos*.

## **ACTUALIZAÇÃO**

### **A reflexão pode tocar os seguintes aspetos:**

- Não sabemos, efetivamente, quem é este "servo de Jahwéh"; no entanto, os primeiros cristãos vão utilizar este texto como grelha para interpretar o mistério de Jesus: Ele é a Palavra de Deus feita carne, que oferece a sua vida para trazer a salvação/libertação aos homens... A vida de Jesus realiza plenamente esse destino de dom e de entrega da vida em favor de todos; e a sua glorificação mostra que uma vida vivida deste jeito não termina no fracasso, mas na ressurreição que gera vida nova.

- Jesus, o "servo" sofredor, que faz da sua vida um dom por amor, mostra aos seus seguidores o caminho: a vida, quando é posta ao serviço da libertação dos pobres e dos oprimidos, não é perdida mesmo que pareça, em termos humanos, fracassada e sem sentido. Temos a coragem de fazer da nossa vida uma entrega radical ao projecto de Deus e à libertação dos nossos irmãos? O que é que ainda entrava a nossa aceitação de uma opção deste tipo? Temos consciência de que, ao escolher este caminho, estamos a gerar vida nova, para nós e para os nossos irmãos?

- Temos consciência de que a nossa missão profética passa por sermos Palavra viva de Deus? Nas nossas palavras, nos nossos gestos, no nosso testemunho, a proposta libertadora de Deus alcança o mundo e o coração dos homens? *in Dehonianos*.

## **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 21 (22)**

**Refrão: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?**

**Todos os que me veem escarnecem de mim,  
estendem os lábios e meneiam a cabeça:  
«Confiou no Senhor, Ele que o livre,  
Ele que o salve, se é seu amigo».  
Matilhas de cães me rodearam,  
cercou-me um bando de malfeitores.  
Trespasaram as minhas mãos e os meus pés,  
posso contar todos os meus ossos.  
Repartiram entre si as minhas vestes  
e deitaram sortes sobre a minha túnica.  
Mas Vós, Senhor, não Vos afasteis de mim,  
sois a minha força, apressai-Vos a socorrer-me.  
Hei-de falar do vosso nome aos meus irmãos,  
hei-de louvar-Vos no meio da assembleia.  
Vós, que temeis o Senhor, louvai-O,  
glorificai-O, vós todos os filhos de Jacob,  
reverenciai-O, vós todos os filhos de Israel.**

## **LEITURA II – Filipenses 2,6-11**

**Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses  
Cristo Jesus, que era de condição divina,  
não Se valeu da sua igualdade com Deus,  
mas aniquilou-Se a Si próprio.  
Assumindo a condição de servo,  
tornou-Se semelhante aos homens.  
Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais,  
obedecendo até à morte e morte de cruz.  
Por isso Deus O exaltou  
e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes,  
para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem  
no céu, na terra e nos abismos,  
e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor,  
para glória de Deus Pai.**

## **CONTEXTO**

A cidade de Filipos era uma cidade próspera, com uma população constituída maioritariamente por veteranos romanos do exército. Organizada à maneira de Roma, estava fora da jurisdição dos governantes das províncias locais e dependia diretamente do imperador; gozava, por isso, dos mesmos privilégios das cidades de Itália. A comunidade cristã, fundada por Paulo, era uma comunidade entusiasta, generosa, comprometida, sempre atenta às necessidades de Paulo e do resto da Igreja (como no caso da coleta em favor da Igreja de Jerusalém - cf. 2 Cor 8,1-5), por quem Paulo nutria um afeto especial. Apesar destes sinais positivos, não era, no entanto, uma comunidade perfeita... O desprendimento, a humildade e a simplicidade não eram valores demasiado apreciados entre os altivos patrícios que compunham a comunidade.

É neste enquadramento que podemos situar o texto que esta leitura nos apresenta. Paulo convida os Filipenses a encarnar os valores que marcaram a trajetória existencial de Cristo; para isso, utiliza um hino pré-paulino, recitado nas celebrações litúrgicas cristãs: nesse hino, ele expõe aos cristãos de Filipos o exemplo de Cristo. *in Dehonianos*.

## **ACTUALIZAÇÃO**

### **A reflexão pode partir dos seguintes desenvolvimentos:**

- Os valores que marcaram a existência de Cristo continuam a não ser demasiado apreciados no séc. XXI. De acordo com os critérios que presidem à construção do nosso mundo, os grandes "ganhadores" não são os que põem a sua vida ao serviço dos outros, com humildade e simplicidade, mas são os que enfrentam o mundo com agressividade, com autossuficiência e fazem por ser os melhores, mesmo que isso signifique não olhar a meios para passar à frente dos outros. Como pode um cristão (obrigado a viver inserido neste mundo e a ser competitivo) conviver com estes valores?

- Paulo tem consciência de que está a pedir aos seus cristãos algo realmente difícil; mas é algo que é fundamental, à luz do exemplo de Cristo. Também a nós é pedido, nestes últimos dias antes da Páscoa, um passo em frente neste difícil caminho da humildade, do serviço, do amor: será possível que, também aqui, sejamos as testemunhas da lógica de Deus?

- Os acontecimentos que, nesta semana, vamos celebrar, garantem-nos que o caminho do dom da vida não é um caminho de "perdedores" e fracassados: o caminho do dom da vida conduz ao sepulcro vazio da manhã de Páscoa, à ressurreição. É um caminho que garante a vitória e a vida plena. *in Dehonianos*

## **EVANGELHO – Mateus 26,14 - 27,66**

### **N Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus**

**N Naquele tempo,**

**um dos doze, chamado Judas Iscariotes,**

**foi ter com os príncipes dos sacerdotes e disse-lhes:**

**R «Que estais dispostos a dar-me para vos entregar Jesus?»**

**N Eles garantiram-lhe trinta moedas de prata.**

**E a partir de então,**

**Judas procurava uma oportunidade para O entregar.**

**No primeiro dia dos Ázimos,**

**os discípulos foram ter com Jesus e perguntaram-Lhe:**

**R «Onde queres que façamos os preparativos para comer a Páscoa?»**

**N Ele respondeu:**

**J «Ide à cidade, a casa de tal pessoa, e dizei-lhe:**

**'O Mestre manda dizer:**

**O meu tempo está próximo.**

**É em tua casa que eu quero celebrar a Páscoa com os meus discípulos'».**

**N Os discípulos fizeram como Jesus lhes tinha mandado, e prepararam a Páscoa.**

**N Ao cair da noite, sentou-Se à mesa com os Doze.**

**Enquanto comiam, declarou:**

**J «Em verdade vos digo:**

**Um de vós há-de entregar-Me».**

**N Profundamente entristecidos,**

**começou cada um a perguntar-Lhe:**

**R «Serei eu, Senhor?»**

**N Jesus respondeu:**

**J «Aquele que meteu comigo a mão no prato é que há-de entregar-Me.**

O Filho do homem vai partir,  
como está escrito acerca d'Ele.  
Mas ai daquele por quem o Filho do homem vai ser entregue!  
Melhor seria para esse homem não ter nascido».

N Judas, que O ia entregar, tomou a palavra e perguntou:  
R «Serei eu, Mestre?»

N Respondeu Jesus:  
J «Tu o disseste».

N Enquanto comiam,  
Jesus tomou o pão, recitou a bênção,  
partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo:  
J «Tomai e comei: Isto é o meu Corpo».

N Tomou em seguida um cálice,  
deu graças e entregou-lho, dizendo:  
J «Bebei dele todos,  
porque este é o meu Sangue, o Sangue da aliança,  
derramado pela multidão,  
para remissão dos pecados.  
Eu vos digo que não beberei mais deste fruto da videira,  
até ao dia em que beberei convosco  
o vinho novo no reino de meu Pai».

N Cantaram os salmos  
e seguiram para o Monte das Oliveiras.

N Então, Jesus disse-lhes:  
J «Todos vós, esta noite, vos escandalizareis por minha causa,  
como está escrito:  
'Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas do rebanho'.  
Mas, depois de ressuscitar,  
preceder-vos-ei a caminho da Galileia».

N Pedro interveio, dizendo:  
R «Ainda que todos se escandalizem por tua causa,  
eu não me escandalizarei».

N Jesus respondeu-lhe:  
J «Em verdade te digo:  
Esta mesma noite, antes do galo cantar,  
Me negarás três vezes».

N Pedro disse-lhe:  
R «Ainda que tenha de morrer contigo, não Te negarei».

N E o mesmo disseram todos os discípulos.

N Então, Jesus chegou com eles a uma propriedade,  
chamada Getsémani  
e disse aos discípulos:  
J «Ficai aqui, enquanto Eu vou além orar».

N E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu,  
começou a entristecer-Se e a angustiar-Se.  
Disse-lhes então:  
J «A minha alma está numa tristeza de morte.  
Ficai aqui e vigiai comigo».

N E adiantando-Se um pouco mais, caiu com o rosto por terra,  
enquanto orava e dizia:  
J «Meu Pai, se é possível, passe de Mim este cálice.  
Todavia, não se faça como Eu quero,  
mas como Tu queres».

N Depois, foi ter com os discípulos,  
encontrou-os a dormir e disse a Pedro:  
J «Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo!  
Vigiai e orai, para não cairdes em tentação.  
O espírito está pronto, mas a carne é fraca».

N De novo Se afastou, pela Segunda vez, e orou, dizendo:  
J «Meu Pai,

se este cálice não pode passar sem que Eu o beba,  
faça-se a tua vontade».

N Voltou novamente e encontrou-os a dormir,  
pois os seus olhos estavam pesados de sono.  
Deixou-os e foi de novo orar, pela terceira vez,  
repetindo as mesmas palavras.

Veio então ao encontro dos discípulos e disse-lhes:

J «Dormi agora e descansai.

Chegou a hora em que o Filho do homem  
vai ser entregue às mãos dos pecadores.

Levantai-vos, vamos.

Aproxima-se aquele que Me vai entregar».

N Ainda Jesus estava a falar,  
quando chegou Judas, um dos Doze,  
e com ele uma grande multidão, com espadas e varapaus,  
enviada pelos príncipes dos sacerdotes  
e pelos anciãos do povo.

O traidor tinha-lhes dado este sinal:

R «Aquele que eu beijar, é esse mesmo. Prendei-O».

N Aproximou-se imediatamente de Jesus e disse-Lhe:

R «Salve, Mestre!».

N E beijou-O.

Jesus respondeu-lhe:

J «Amigo, a que vieste?».

N Então avançaram, deitaram as mãos a Jesus  
e prenderam-n'O.

Um dos que estavam com Jesus levou a mão à espada,  
desembainhou-a e feriu um servo do sumo sacerdote,  
cortando-lhe uma orelha.

Jesus disse-lhe:

J «Mete a tua espada na bainha,  
pois todos os que puxarem da espada morrerão à espada.  
Pensas que não posso rogar a meu Pai  
que ponha já ao meu dispor mais de doze legiões de Anjos?  
Mas como se cumpririam as Escrituras,  
segundo as quais assim tem de acontecer?».

N Voltando-Se depois para a multidão, Jesus disse:

J «Viestes com espadas e varapaus para Me prender  
como se fosse um salteador!

Eu estava todos os dias sentado no templo a ensinar  
e não Me prendestes...

Mas, tudo isto aconteceu  
para se cumprirem as Escrituras das profetas».

N Então todos os discípulos O abandonaram e fugiram.

N Os que tinham prendido Jesus  
levaram-n'O à presença do sumo sacerdote Caifás,  
onde os escribas e os anciãos se tinham reunido.

Pedro foi-O seguindo de longe,  
até ao palácio do sumo sacerdote.

Aproximando-se, entrou e sentou-se com os guardas,  
para ver como acabaria tudo aquilo.

Entretanto, os príncipes dos sacerdotes e todo o Sinédrio  
procuravam um testemunho falso contra Jesus  
para O condenarem à morte,

mas não o encontravam,  
embora se tivessem apresentado muitas testemunhas falsas.

Por fim, apresentaram-se duas que disseram:

R «Este homem afirmou:

'Posso destruir o templo de Deus  
e reconstruí-lo em três dias'».

**N Então, o sumo sacerdote levantou-se e disse a Jesus:**

**R «Não respondes nada?**

**Que dizes ao que depõem contra Ti?»**

**N Mas Jesus continuava calado.**

**Disse-Lhe o sumo sacerdote:**

**«Eu Te conjuro pelo Deus vivo,  
que nos declares se és Tu o Messias, o Filho de Deus».**

**N Jesus respondeu-lhe:**

**J «Tu o disseste.**

**E Eu digo-vos:**

**vereis o Filho do homem  
sentado à direita do Todo-poderoso,  
vindo sobre as nuvens do céu».**

**N Então, o sumo sacerdote rasgou as vestes, dizendo:**

**R «Blasfemou.**

**Que necessidade temos de mais testemunhas?**

**Acabais de ouvir a blasfémia. Que vos parece?»**

**N Eles responderam:**

**R «É réu de morte».**

**N Cuspiram-Lhe então no rosto e deram-Lhe punhadas.**

**Outros esbofeteavam-n'O, dizendo:**

**R «Adivinha, Messias: quem foi que Te bateu?»**

**N Entretanto, Pedro estava sentado no pátio.**

**Uma criada aproximou-se dele e disse-lhe:**

**R «Tu também estavas com Jesus, o galileu».**

**N Mas ele negou diante de todos, dizendo:**

**R «Não sei o que dizes».**

**N Dirigindo-se para a porta,**

**foi visto por outra criada que disse aos circunstantes:**

**R «Este homem estava com Jesus de Nazaré».**

**N E, de novo, ele negou com juramento:**

**R «Não conheço tal homem».**

**N Pouco depois, aproximaram-se os que ali estavam  
e disseram a Pedro:**

**R «Com certeza tu és deles, pois até a fala te denuncia».**

**N Começou então a dizer imprecizações e a jurar:**

**R «Não conheço tal homem».**

**N E, imediatamente, um galo cantou.**

**Então, Pedro lembrou-se das palavras que Jesus dissera:**

**«Antes do galo cantar, tu Me negarás três vezes».**

**E, saindo, chorou amargamente.**

**Ao romper da manhã,**

**todos os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo  
se reuniram em conselho contra Jesus,  
para Lhe darem a morte.**

**Depois de Lhe atarem as mãos,  
levaram-n'O e entregaram-n'O ao governador Pilatos.**

**Então Judas, que entregara Jesus,  
vendo que Ele tinha sido condenado,**

**tocado pelo remorso, devolveu as trinta moedas de prata  
aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos, dizendo:**

**R «Pequei, entregando sangue inocente».**

**N Mas eles replicaram:**

**R «Que nos importa? É lá contigo».**

**N Então, arremessou as moedas para o santuário,  
saiu dali e foi-se enforcar.**

**Mas os príncipes dos sacerdotes  
apanharam as moedas e disseram:**

**R «Não se podem lançar no tesouro,  
porque são preço de sangue».**

**N E, depois de terem deliberado,  
compraram com elas o Campo do Oleiro.  
Por este motivo se tem chamado àquele campo,  
até ao dia de hoje, «Campo de Sangue».  
Cumpru-se então o que fora dito pelo profeta:  
«Tomaram trinta moedas de prata,  
preço em que foi avaliado  
Aquele que os filhos de Israel avaliaram  
e deram-nas pelo Campo do Oleiro,  
como o Senhor me tinha ordenado».**

**N Entretanto, Jesus foi levado à presença do governador,  
que lhe perguntou:  
R «Tu és o Rei dos judeus?»  
N Jesus respondeu:  
J «É como dizes».**

**N Mas, ao ser acusado pelos príncipes dos sacerdotes  
e pelos anciãos, nada respondeu.  
Disse-Lhe então Pilatos:  
R «Não ouves quantas acusações levantam contra Ti?»  
N Mas Jesus não respondeu coisa alguma,  
a ponto de o governador ficar muito admirado.  
Ora, pela festa da Páscoa,  
o governador costumava soltar um preso,  
à escolha do povo.  
Nessa altura, havia um preso famoso, chamado Barrabás.  
E, quando eles se reuniram, disse-lhes:  
R «Qual quereis que vos solte?»  
Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo?»  
N Ele bem sabia que O tinham entregado por inveja.  
Enquanto estava sentado no tribunal,  
a mulher mandou-lhe dizer:  
R «Não te prendas com a causa desse justo,  
pois hoje sofri muito em sonhos por causa d'Ele».**

**N Entretanto, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos  
persuadiram a multidão a que pedisse Barrabás  
e fizesse morrer Jesus.  
O governador tomou a palavra e perguntou-lhes:  
R «Qual dos dois quereis que vos solte?»  
N Eles responderam:  
R «Barrabás».**

**N Disse-lhes Pilatos:  
R «E que hei-de fazer de Jesus, chamado Cristo?»  
N Responderam todos:  
R «Seja crucificado».**

**N Pilatos insistiu:  
R «Que mal fez Ele?»  
N Mas eles gritavam cada vez mais:  
R «Seja crucificado».**

**N Pilatos insistiu:  
R «Que mal fez Ele?»  
N Mas eles gritavam cada vez mais:  
R «Seja crucificado».**

**N Pilatos, vendo que não conseguia nada  
e aumentava o tumulto,  
mandou vir água  
e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo:  
R «Estou inocente do sangue deste homem.  
Isso é lá convosco».**

**N E todo o povo respondeu:  
R «O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos».**

N Soltou-lhes então Barrabás.  
E, depois de ter mandado açoitar Jesus,  
entregou-lh'O para ser crucificado.  
Então os soldados do governador  
levaram Jesus para o pretório  
e reuniram à volta d'Ele toda a coorte.  
Tiraram-Lhe a roupa e envolveram-n'O num manto vermelho.  
Teceram uma coroa de espinhos e puseram-Lha na cabeça  
e colocaram uma cana na sua mão direita.  
Ajoelhando diante d'Ele, escarneciam-n'O, dizendo:  
R «Salve, rei dos judeus!»  
N Depois, cuspiam-Lhe no rosto  
e, pegando na cana, batiam-Lhe com ela na cabeça.  
Depois de O terem escarnecido,  
tiraram-Lhe o manto, vestiram-Lhe as suas roupas  
e levaram-n'O para ser crucificado.  
N Ao saírem,  
encontraram um homem de Cirene, chamado Simão,  
e requisitaram-no para levar a cruz de Jesus.  
Chegados a um lugar chamado Gólgota,  
que quer dizer lugar do Calvário,  
deram-Lhe a beber vinho misturado com fel.  
Mas Jesus, depois de o provar, não quis beber.  
Depois de O terem crucificado,  
repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte,  
e ficaram ali sentados a guardá-l'O.  
Por cima da sua cabeça puseram um letreiro,  
indicando a causa da sua condenação:  
«Este é Jesus, o rei dos judeus».  
Foram crucificados com Ele dois salteadores,  
um à direita e outro à esquerda.  
Os que passavam insultavam-n'O  
e abanavam a cabeça, dizendo:  
R «Tu, que destruías o templo e o reedificavas em três dias,  
salva-Te a Ti mesmo;  
Se és Filho de Deus, desce da cruz».  
N Os príncipes dos sacerdotes,  
juntamente com os escribas e os anciãos,  
também troçavam d'Ele, dizendo:  
R «Salvou os outros e não pode salvar-Se a Si mesmo!  
Se é o Rei de Israel,  
desça agora da cruz e acreditaremos n'Ele.  
Confiou em Deus:  
Ele que O livre agora, se O ama,  
porque disse: 'Eu sou Filho de Deus'».  
N Até os salteadores crucificados com Ele o insultavam.  
Desde o meio-dia até às três horas da tarde,  
as trevas envolveram toda a terra.  
E, pelas três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte:  
J «Eli, Eli, lema sabachtani!»,  
N que quer dizer:  
«Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?»  
Alguns dos presentes, ouvindo isto, disseram:  
R «Está a chamar por Elias».  
N Um deles correu a tomar uma esponja,  
embebeu-a em vinagre,  
pô-la na ponta duma cana e deu-Lhe a beber.  
Mas os outros disseram:  
R «Deixa lá. Vejamos se Elias vem salvá-l'O».  
N E Jesus, clamando outra vez com voz forte, expirou.

N Então, o véu do templo rasgou-se em duas partes,  
de alto a baixo;  
a terra tremeu e as rochas fenderam-se.  
Abriram-se os túmulos  
e muitos dos corpos de santos que tinham morrido  
ressuscitaram;  
e, saindo do sepulcro, depois da ressurreição de Jesus,  
entraram na cidade santa e apareceram a muitos.  
Entretanto, o centurião e os que com ele guardavam Jesus,  
ao verem o tremor de terra e o que estava a acontecer,  
ficaram aterrados e disseram:  
R «Este era verdadeiramente Filho de Deus».  
N Estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres  
que tinham seguido Jesus desde a Galileia, para O servirem.  
Entre elas encontrava-se Maria Madalena,  
Maria, mãe de Tiago e de José,  
e a mãe dos filhos de Zebedeu.  
Ao cair da tarde,  
veio um homem rico de Arimateia, chamado José,  
que também se tinha tornado discípulo de Jesus.  
Foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus.  
E Pilatos ordenou que lho entregassem.  
José tomou o corpo, envolveu-o num lençol limpo  
e depositou-o no seu sepulcro novo  
que tinha mandado escavar na rocha.  
Depois rolou uma grande pedra para a entrada do sepulcro,  
e retirou-se.  
Entretanto, estavam ali Maria Madalena e a outra Maria,  
sentadas em frente do sepulcro.  
No dia seguinte, isto é, depois da Preparação,  
os príncipes dos sacerdotes e os fariseus  
foram ter com Pilatos e disseram-lhe:  
R «Senhor, lembrámo-nos do que aquele impostor disse  
quando ainda era vivo:  
'Depois de três dias ressuscitarei'.  
Por isso, manda que o sepulcro seja mantido em segurança  
até ao terceiro dia,  
para que não venham os discípulos roubá-lo  
e dizer ao povo: 'Ressuscitou dos mortos'.  
E a última impostura seria pior do que a primeira».  
N Pilatos respondeu:  
R «Tendes à vossa disposição a guarda:  
ide e guardai-o como entenderdes».  
N Eles foram e guardaram o sepulcro,  
selando a pedra e pondo a guarda.

## CONTEXTO

O Evangelho segundo Mateus começa por apresentar Jesus (cf. Mt 1,1-4,22). Descreve, depois, o anúncio central de Jesus: nas suas palavras e nos seus gestos, Jesus anuncia esse mundo novo a que Ele chama "o Reino dos céus" (cf. Mt 4,23-9,35). Do anúncio do "Reino" nasce a comunidade dos discípulos, isto é, nasce um grupo que assimila as propostas de Jesus (cf. Mt 9,36-12,50). Os discípulos são a "comunidade do Reino": instruídos por Jesus, formados na mentalidade do "Reino", os discípulos recebem a missão de testemunhar o "Reino", após a partida de Jesus (cf. Mt 13,1-17,27). Na parte final do seu Evangelho, Mateus descreve a rutura final de Jesus com o judaísmo (cf. Mt 18,1-25,46) e o final do caminho de Jesus: a paixão, morte e ressurreição (cf. Mt 26,1-28,15).

A leitura que hoje nos é proposta é o relato da paixão de Jesus. Descreve como o anúncio do Reino choca com a mentalidade da opressão e, portanto, conduz à cruz e à morte; no entanto, não podemos dissociar os acontecimentos da paixão daqueles que celebraremos no próximo domingo: a ressurreição é a prova de que Jesus veio de Deus e tinha um mandato do Pai para tornar realidade no mundo o "Reino dos céus". *in Dehonianos.*

## ACTUALIZAÇÃO

### A reflexão pode partir dos seguintes dados:

- Celebrar a paixão e a morte de Jesus é abismar-se na contemplação de um Deus a quem o amor tornou frágil... Por amor, Ele veio ao nosso encontro, assumiu os nossos limites e fragilidades, experimentou a fome, o sono, o cansaço, conheceu a mordedura das tentações, tremeu perante a morte, suou sangue antes de aceitar a vontade do Pai; e, estendido no chão, esmagado contra a terra, atraído, abandonado, incompreendido, continuou a amar. Desse amor resultou vida plena, que Ele quis repartir connosco "até ao fim dos tempos": esta é a mais espantosa história de amor que é possível contar; ela é a boa notícia que enche de alegria o coração dos crentes.

- Contemplar a cruz, onde se manifesta o amor e a entrega de Jesus, significa assumir a mesma atitude e solidarizar-se com aqueles que são crucificados neste mundo: os que sofrem violência, os que são explorados, os que são excluídos, os que são privados de direitos e de dignidade... Olhar a cruz de Jesus significa denunciar tudo o que gera ódio, divisão, medo, em termos de estruturas, valores, práticas, ideologias; significa evitar que os homens continuem a crucificar outros homens; significa aprender com Jesus a entregar a vida por amor... Viver deste jeito pode conduzir à morte; mas o cristão sabe que amar como Jesus é viver a partir de uma dinâmica que a morte não pode vencer: o amor gera vida nova e introduz na nossa carne os dinamismos da ressurreição.  
*in Dehonianos.*

### Para os leitores:

A **primeira leitura** não apresenta nenhuma dificuldade aparente na sua proclamação. Requer uma leitura pausada e atenta que exprima toda a densidade e intensidade dramática do texto. A última frase exige uma especial atenção para que se possa transmitir a confiança e esperança que o auxílio de Deus oferece.

A **segunda leitura** é um hino litúrgico e poético e apresenta duas partes distintas: uma primeira mais dramática e uma segunda mais jubilosa e marcada pela exaltação de Jesus. A proclamação desta leitura deve ter presente todos estes elementos. A narrativa evangélica da Paixão do Senhor, na ausência de diáconos, pode ser lida por mais dois leitores, reservando a parte de Cristo ao sacerdote. Tendo em conta os diversos diálogos e a dimensão do texto, aqueles que participam na leitura devem fazer uma acurada preparação das diversas intervenções ao longo do texto.